

Rute Gomes, 70 anos, aluna da UTIL

As árvores da minha rua

Este estranho confinamento obrigatório levou-nos a suspender as nossas práticas sociais, familiares e outras que nos são caras e nos transmitem segurança. Mas, obrigou-nos a um olhar mais atento às pequenas coisas que nos cercam. Da minha janela, desde março, acompanhei a chegada da primavera observando as frondosas árvores da minha rua vendo diariamente as pequenas folhas translúcidas lutarem contra chuvas e ventos para se fortalecerem. Não tardou, porque, em confinamento, os dias são quase todos iguais, sem marcos para se distinguirem que chegasse o Verão com dias grandes e enormes fins de tarde. A rua com pequenas clareiras provocadas pelo sol entre o sombreado feito pelas folhas parecia um rendilhado, só conseguido pelo pincel de Claude Monet. Mas, rapidamente, chegou o outono e, que esplendor ! o chão é um delicado tapete dourado tecido pelas folhas amarelas, vermelhas, castanhas e muitas outras difíceis de definir, que cobre o asfalto, deixando as árvores despidas com a chegada do Inverno, restando apenas paus escuros e secos parecendo braços descarnados em direção ao céu implorando o renascimento, assim como nós esperamos, esperamos...

Encontro com as palavras

Já há vários anos que ao fim da tarde, sempre que posso, porque se apodera de mim uma certa melancolia quando o dia se esvai, me sento junto da janela olhando para as frondosas arvores da minha rua.

Por ela nutro sentimentos contraditórios de desagrado e de agrado.

Desagrado porque desde que se tornaram extraordinariamente frondosas retiram à minha casa o calor, o espaço e a luz, que me são indispensáveis e a que me habituei nos muitos anos que vivi em Africa.

Agrado porque tornavam a rua especialmente bonita e sombreada quando se espera e deseja que isso aconteça

Além disso e por via deste confinamento obrigatório, temos agora um relacionamento mais próximo, a observação dos fins de tarde passou a ser mais intensa desde Março, com a chegada da Primavera. Pude observar dia a dia as pequenas folhas translúcidas a lutarem contra chuvas e ventos para se

fortalecerem. Não tardou, porque em confinamento os dias são quase todos iguais, sem marcos para se distinguirem, que chegasse o Verão com dias grandes e enormes fins de tarde. A rua com pequenas clareiras provocadas pelo sol entre o sombreado feito pelas folhas parecia um rendilhado, só conseguido pelo pincel de Monet. Mas, rapidamente, chegou o Outono e, que esplendor ! o chão é um tapete dourado que cobre o asfalto tecido pelas folhas amarelas, douradas, castanhas, avermelhadas e muitas outras cores difíceis de identificar, deixando as árvores despidas com o Inverno a bater à porta em que apenas os paus meios secos parecem braços, descarnados em direcção ao Ceu.

É assim o ciclo das estações. Olhando as “minhas árvores” não posso deixar de reflectir sobre o ciclo da vida onde as primaveras e os verões já há muito passaram, e agora no fim do meu outono me despego das minhas folhas que representaram coisas que foram importantes para mim mas que nada agora importam. Tal como as árvores da minha rua olho para o alto e espero a renovação que em breve chegará.